

**A DEDUÇÃO TRANSCENDENTAL DAS CATEGORIAS SEGUNDO MARTIN
HEIDEGGER**

**THE TRANSCENDENTAL DEDUCTION OF CATEGORIES BY MARTIN
HEIDEGGER**

Douglas João Orben¹

Resumo: O presente trabalho apresenta uma análise da Dedução Transcendental kantiana segundo a interpretação de Martin Heidegger. Não obstante aos objetivos kantianos de provar a aplicabilidade das condições puras e *a priori* do Entendimento à experiência sensível, Heidegger aborda a Dedução Transcendental das categorias salientando, sobretudo, a dimensão finita do conhecimento humano. A proposta heideggeriana não pretende desconsiderar a filosofia transcendental kantiana, muito pelo contrário, a finitude do Entendimento é uma consequência inevitável da própria crítica transcendental empreendida por Kant. Neste sentido, a Dedução Transcendental, ao estabelecer a vinculação das condições intelectuais do Entendimento com os dados sensíveis da intuição, deve, necessariamente, evidenciar os limites finitos do conhecimento possível. A essencial condição do conhecimento humano revela-se, portanto, na síntese da Dedução Transcendental. Para Heidegger, a síntese é uma função da imaginação produtiva que, ao sintetizar conceitos e intuições, condiciona a totalidade do conhecimento fenomênico. A finitude do Entendimento manifesta-se, deste modo, na própria síntese da imaginação, pois, acabada a Dedução Transcendental das categorias, o conhecimento humano encontra-se forçosamente limitado às condições sensíveis.

Palavras-chave: Kant; Heidegger; Dedução Transcendental

Abstract: This paper presents an analysis of Kant's Transcendental Deduction as interpreted by Martin Heidegger. Despite the Kantian goals to prove the applicability of pure and a priori conditions of Understanding the sensory experience, Heidegger addresses the Transcendental Deduction of the categories stressing especially the finite dimension of human knowledge. The proposal does not intend to dismiss Heidegger's transcendental Kantian philosophy; on the contrary, the finiteness of Understanding is an inevitable consequence of his own transcendental critique undertaken by Kant. In this sense, the Transcendental Deduction, to establish the linkage of intellectual conditions of Understanding with the sensitive data of intuition, must necessarily show the finite limits of possible knowledge. The essential condition of human knowledge is revealed thus in the synthesis of the Transcendental Deduction. For Heidegger, the synthesis is a function of the productive imagination that, by synthesizing concepts and intuitions, all conditions of phenomenal knowledge. The finitude of

¹ Professor do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS (Santa Maria) e aluno especial do PPG – Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Email: douglasorben@hotmail.com

THAUMAZEIN: REVISTA ON-LINE DE FILOSOFIA - ISSN: 1982-2103

understanding manifests itself in this way, the epitome of imagination, for, having finished the Transcendental Deduction of the categories, human knowledge is necessarily limited to sensitive conditions.

Keywords: Kant, Heidegger, Transcendental Deduction

A leitura heideggeriana da Dedução Transcendental, no que concerne à intenção basilar da teoria crítica, não se afasta dos objetivos expressos por Kant. Não obstante, Martin Heidegger preserva o intento kantiano de provar a aplicabilidade das categorias puras do Entendimento à experiência sensível, a única humanamente possível. Por se tratar de uma interpretação, centrada numa parte específica da filosofia kantiana, a análise heideggeriana deve orientar-se pela intenção fundamental de Kant.

Neste sentido, a partir da comprovação, via Dedução Metafísica, da realidade transcendental das categorias, a segunda parte da dedução dos conceitos puros do Entendimento pretende ratificar a totalidade de condições do uso possível destes conceitos transcendentais. Segundo Kant, esta denominada Dedução Transcendental² procura reconhecer os conceitos puros do Entendimento, afirmados por meio da Dedução Metafísica, como categorias puras que possibilitam *a priori* a experiência. Ou seja, conceitos basilares que concedem o fundamento objetivo a toda experiência humanamente possível³.

Na Dedução Metafísica ficou evidenciada a realidade e necessidade das categorias, como predicados transcendentais, pelo que comprovou-se a universalidade e a apoditicidade das regras *a priori* do Entendimento puro. Nesta dedução, a análise das condições

² “Diferentemente de Descartes, Kant não usa dedução no sentido genérico para significar ‘toda a inferência necessária a partir de outras proposições conhecidas com certeza.’ Pelo contrário, o seu uso é inspirado na prática dos juristas imperiais que, ‘quando falam de direitos e usurpações, distinguem num litígio a questão de direito (*quid juris*) da questão de fato (*quid facti*) e, ao exigir provas de ambas, dão o nome de dedução à primeira, que deverá demonstrar o direito ou a legitimidade da pretensão’.” (Caygill, 2000, p. 91).

³ Cf. Kant, 1985, p. 125.

THAUMAZEIN: REVISTA ON-LINE DE FILOSOFIA - ISSN: 1982-2103

transcendentais fundou a possibilidade do uso geral (lógica geral⁴) das categorias, isto é, a totalidade das condições puras e *a priori* de um possível conhecimento.

Porém, apesar da espontaneidade das condições intelectuais, o conhecimento humano só é levado a cabo a partir de um ato transcendental e sintético. Este, por sua vez, limita as condições espontâneas do Entendimento a um uso estritamente sensível, não sendo possível conhecer nenhum objeto tão somente a partir do uso geral das condições intelectuais, ou seja, algo que esteja fora da alçada sensível.

Na totalidade do projeto kantiano, é imprescindível uma Dedução Transcendental que comprove a realidade objetiva das categorias *a priori*⁵. Todavia, tal empreitada encontra-se com uma dificuldade já acenada por Kant: “como poderão ter validade objetiva as condições subjetivas⁶ do pensamento, isto é, como poderão proporcionar as condições da possibilidade de todo conhecimento dos objetos”⁷ (Kant, 1985, p. 122). Em outras palavras, como legitimar a validade objetiva, isto é, o uso empírico das condições transcendentais que, de acordo com a Dedução Metafísica, são conceitos puros e *a priori*?

⁴ Dentro do sistema lógico kantiano a lógica geral divide-se em lógica geral pura e aplicada. A lógica geral pura compreende as regras formais e *a priori* do Entendimento puro, ou seja, ela refere-se às normas básicas do pensamento *a priori*; segundo Kant, a mesma “contém as regras absolutamente necessárias do pensamento, e ocupa-se portanto destes, independentemente da diversidade dos objetos a que possa dirigir-se (Kant, 1985, p. 89). Neste mesmo sentido, Kant salienta que “uma lógica geral, mais pura, ocupa-se, pois, de princípios puros *a priori* e é um *cânone* do entendimento e da razão, mas só com referencia ao que há de formal no seu uso, seja qual for o conteúdo (empírico ou transcendental)” (Kant, 1985, p. 90). De outro modo, a lógica geral aplicada é entendida por Kant como um conhecimento psicológica baseado em dados empíricos, pelo que não se pode atribuir-lhe um valor transcendental, mas apenas uma aplicabilidade geral, uma vez que, mesmo considerando dados empíricos, ela não distingue os objetos determinados. Segundo Kant, “uma lógica geral é aplicada, quando se ocupa das regras do uso do entendimento nas condições empíricas subjetivas que a psicologia nos ensina. Tem, pois, princípios empíricos, embora seja, na verdade, geral na medida em que ocupa-se do uso do entendimento sem distinção dos objetos” (Kant, 1985, p. 90). Para maior compreensão acerca destes conceitos: Cf: Kant, 1992, p. 36.

⁵ “La deducción Metafísica ponía de manifiesto los conceptos puros del entendimiento, y la deducción trascendental muestra que tales conceptos son imprescindibles para todo conocimiento. Las formas puras del pensar, las categorías, no son simples entes de razón que sólo existen en la fantasía de los filósofos; constituyen los ingredientes necesarios de toda objetividad. Las categorías tienen un sentido (trascendental-) ontológico.” (Höffe, 1986, p.91).

⁶ Para Kant, o termo ‘subjetivo’ refere-se às condições universais e necessárias para todo Entendimento humano. Para maior esclarecimento acerca do que Kant entende por subjetivo: Cf. Caygill, 2000, p. 296-297.

⁷ A validade objetiva da Sensibilidade é algo evidente que se comprova sem muitas dificuldades, visto que todo objeto só aparece mediante as suas formas puras, ou seja, dentro da intuição espaço-temporal. Em contrapartida, a validade objetiva das categorias não é tão evidente, já que não há dúvida que pode ser possível intuir dados fenomênicos sem as funções do Entendimento. Cf. Kant, 1985, p. 122.

THAUMAZEIN: REVISTA ON-LINE DE FILOSOFIA - ISSN: 1982-2103

Segundo Kant, esta investigação não pode ser uma dedução empírica “que mostra como se adquire um conceito mediante a experiência e a reflexão sobre este” (Kant, 1985, p. 120), ou seja, que pretenda deduzir os conceitos a partir da experiência⁸. Porquanto,

Nunca desse modo se alcança uma dedução dos conceitos puros a priori, pois não se obtém por essa via; efetivamente, com vistas ao seu futuro, que deverá ser completamente independente da experiência, tais conceitos têm de apresentar um certificado de nascimento muito diferente daqueles que o faz derivar da experiência (Kant, 1985, p. 120-121).

Consequentemente, a partir da realidade transcendental das categorias (Dedução Metafísica) é necessária uma Dedução Transcendental que comprove a sua validade objetiva, não por conceitos empíricos, mas pelos próprios predicados ontológicos que possibilitam a experiência.

Ao provar a aplicabilidade das categorias puras à intuição finita, inevitavelmente, determinar-se-ão as fronteiras do seu uso legítimo e, por conseguinte, os casos em que o uso indevido das condições puras produz raciocínios dialéticos e ilusórios⁹. Os limites impostos pela intuição espaço-temporal abalizam o material disponível para uso legítimo do Entendimento humano que, não obstante, só produz conhecimento na síntese entre as condições sensíveis e intelectuais.

Ora, se a Dedução Transcendental limita a aplicabilidade das categorias puras do Entendimento à intuição espaço-temporal. Então, os elementos intuitivos da Sensibilidade humana são decisivos para a demonstração da Dedução Transcendental. Não obstante, Heidegger interpreta a Dedução Transcendental, não distante da intenção básica de Kant,

⁸ Segundo Kant, “tal rastreio dos primeiros esforços da nossa capacidade de conhecimento para ascender a conceitos gerais a partir de percepções singulares tem, sem dúvida, grande utilidade e deve agradecer-se ao célebre Locke ter sido o primeiro a abrir este caminho” (Kant, 1985, p.120).

⁹ O uso dialético dos princípios e conceitos sintéticos não produz conhecimento algum, não obstante, a Dialética Transcendental é uma lógica da ilusão transcendental, pela qual a razão pura acaba por perder-se em paralogismos, antinomias e raciocínios ilusórios. Cf. Kant, 1985, p. 295 – 550.

THAUMAZEIN: REVISTA ON-LINE DE FILOSOFIA - ISSN: 1982-2103

porém enfatizando, sobretudo, as condições elementares da intuição sensível. Com efeito, a síntese transcendental deve aclarar a inevitável finitude do Entendimento humano.

A Dedução Transcendental das categorias segundo a interpretação de Heidegger

A abordagem apresentada por Heidegger, na obra *Kant y el Problema de la Metafísica*, analisa a Dedução Transcendental das categorias, salienta, sobretudo, a dimensão da finitude do conhecimento humano. A ênfase, portanto, encontra-se na inevitável limitação espaço temporal que, dentro da sensibilidade humana, condiciona a totalidade do conhecimento possível.

Para Heidegger, o objetivo de Kant na Dedução Transcendental é mostrar a unidade essencial do conhecimento humano (intuições e conceitos) fundamentando-a, não na síntese espontânea do Entendimento, mais sim na necessária finitude da intuição sensível. Neste sentido, a síntese transcendental continuará sendo um ato imprescindível para a objetividade das categorias, porém, agora, não mais determinada pelo Entendimento, mais sim pela faculdade da imaginação produtiva.

Entretanto, ao vincular a síntese transcendental à finitude do conhecimento humano, poder-se-á questionar como levar a cabo a finalidade da Dedução Transcendental acentuando o pólo da receptividade e não a espontaneidade? Ou ainda, como justificar, a despeito da universalidade do Entendimento, uma dependência do mesmo à intuição sensível? A resposta a estas perguntas deverá tanto cumprir a função da Dedução Transcendental de vincular intuições sensíveis com conceitos puros, quanto comprovar esta vinculação fundando-a na dependência à finitude.

Na interpretação de Heidegger, a síntese permanece sendo um aspecto necessário para a unidade do conhecimento humanamente possível, pois somente por seu intermédio a diversidade intuída pode ser unida num conceito. No entanto, por ser uma função mediadora, a

THAUMAZEIN: REVISTA ON-LINE DE FILOSOFIA - ISSN: 1982-2103

síntese “não tem a ver nem com a intuição nem com o pensamento”¹⁰ (Heidegger, 1954, p. 59). Neste caso, a síntese estará relacionada a uma terceira faculdade, mediadora entre a Sensibilidade e o Entendimento, que nada mais é do que o efeito sintético produzido pela imaginação¹¹. Para sustentar esta posição acerca da dedução kantiana, Heidegger abriga-se na primeira edição da *Crítica da Razão Pura*, uma vez que, neste texto, Kant salienta o papel da imaginação, assim como sua relação com a finitude temporal.

A imaginação é, portanto, também uma faculdade de síntese a priori e é por isso que lhe damos o nome de imaginação produtiva e na medida em que, relativamente a todo o diverso do fenômeno, não tem outro fim que não seja a unidade necessária na síntese desse fenômeno, pode-se chamar a função transcendental da imaginação. Ainda que pareça estranho, resulta claro do presente, que apenas mediante esta função transcendental da imaginação se tornam mesmo possíveis a afinidade dos fenômenos, com ela a associação e, por esta última, finalmente, a reprodução segundo leis, por conseguinte, a própria experiência, porque sem ela não haveria jamais nenhuns conceitos de objetos na experiência. (Kant, 1985, p. 165-166).

Neste caso, toda e qualquer ato sintético presente no conhecimento humano encontra-se ligado à imaginação produtiva, pela qual toda síntese é possibilitada.¹² Qualquer objeto da experiência humana encontra-se fundado na síntese pura da imaginação, de tal forma que toda a natureza conhecida encontra-se submetida a tal ato sintético. Ou seja, por ser o fundamento objetivo da experiência, a síntese pura é condição e possibilidade para toda e qualquer existência fenomênica.

A Síntese da imaginação na Dedução Transcendental das categorias

¹⁰ “no tiene que ver ni con la intuición ni con el pensamiento” (Heidegger, 1954, p. 59).

¹¹ Neste sentido, Kant afirma que “a síntese em geral é, como veremos mais adiante, um simples efeito da imaginação, função cega, embora imprescindível, da alma, sem a qual nunca teríamos conhecimento algum, mas da qual muito raramente temos consciência” (Kant, 1985, p. 109).

¹² Cf: Heidegger, 1954, p. 59.

THAUMAZEIN: REVISTA ON-LINE DE FILOSOFIA - ISSN: 1982-2103

Para Heidegger, a demonstração da síntese da imaginação confirmaria a finalidade da Dedução Transcendental de vincular, de modo *a priori*, as formas puras da intuição sensível com as categorias do Entendimento. Ora, se a imaginação possui a função sintética, que por sua vez é condição de possibilidade para a construção de todo e qualquer objeto conhecido, é, absolutamente, inegável reconhecer a centralidade determinante desta faculdade sintética, pois, na medida em que ela sintetiza os elementos do conhecimento, a mesma possibilita, igualmente, toda realidade existente. Identifica-se, assim, na demonstração da função sintética da imaginação, a finalidade da Dedução Transcendental.

Todavia, sendo a síntese é uma função da imaginação produtiva que, por sua vez, tem como objetivo unificar as formas puras do conhecimento, construindo, assim, o objeto da experiência humanamente possível. Poder-se-ia, então, perguntar em que sentido a interpretação heideggeriana acentua a dimensão finita da dedução, já que, a partir do analisado até aqui, comprovou-se apenas que a síntese da imaginação não depende do Entendimento nem da Sensibilidade, sendo assim uma função mediadora que sintetiza ambas as formas elementares numa unidade.

Segundo Heidegger, a dimensão finita integra a própria essência do conhecimento humano, de tal forma que ao examinar a síntese da imaginação deve-se, necessariamente, evidenciar-se o seu imprescindível aspecto finito. Ora, se a síntese da imaginação tem como função unificar as formas puras do conhecimento e, assim, fundamentar a essência da experiência, a tal ponto de ser considerada o fundamento da existência fenomênica, ela deve, então, aclarar a inevitável finitude do conhecimento; pelo simples fato de esta ser uma dimensão essencial do Entendimento humano. Nas palavras de Heidegger, “ao aclarar a estrutura da síntese pura se revelará a essência íntima da finitude da razão.”¹³ (Heidegger, 1954, p. 65).

¹³ “Al aclarar la estructura de la síntesis pura se revelará la esencia íntima de la finitud de la razón” (Heidegger, 1954, p. 65).

THAUMAZEIN: REVISTA ON-LINE DE FILOSOFIA - ISSN: 1982-2103

O conhecimento finito limita-se à receptividade da intuição espaço-temporal. Sendo esta uma condição essencial para a experiência, sem a qual nada pode ser conhecido, o Entendimento encontra-se necessariamente dependente das formas sensíveis, pois somente produz conhecimento quando vinculado aos dados espaço-temporais. De acordo com a abordagem heideggeriana, o Entendimento perde a primazia dentre as faculdades e, conseqüentemente, passa a ser dependente das formas puras da intuição humana. A finitude sensível passa a ser a condição essencial para todo e qualquer conhecimento.

Contudo, vale argumentar que o Entendimento continua sendo a faculdade espontânea, bem com a fonte de todas as regras empíricas. Porém, estas ações só têm validade quando aplicadas aos dados da intuição sensível. Neste sentido, Heidegger, oportunamente, esclarece: “O entendimento puro pode permanecer senhor da intuição empírica, no entanto, [...] passa a ser servo da intuição pura.”¹⁴ (Heidegger, 1954, p. 69). O Entendimento preserva a sua capacidade de prescrever as regras *a priori* e puras à natureza. Entretanto, sua capacidade só é levada a cabo dentro da finitude das condições espaço-temporais, pelo que o mesmo passa a ser dependente desta condição finita.

A síntese da imaginação apresenta, portanto, a própria finalidade da Dedução Transcendental,¹⁵ na medida em que esta vincula e limita as categorias puras e *a priori* do Entendimento à intuição pura finita. Para Heidegger, a comprovação da necessidade da síntese da imaginação, que implica na demonstração da finitude do conhecimento, pode ser exposta por duas vias: a primeira “parte do entendimento puro e, através da elucidação da sua essência, mostra a íntima dependência deste com o tempo”¹⁶ (Heidegger, 1954, p. 70). A segunda parte da intuição finita e eleva-se até as condições puras do Entendimento. Contudo, ambas as vias

¹⁴ “el entendimiento puro puede permanecer como señor de la intuición empírica solo en tanto que, [...] permanezca como siervo de la intuición pura.”(Heidegger, 1954, p. 69).

¹⁵ Cf. Heidegger, 1954, p. 69.

¹⁶ “parte del entendimiento puro y, a través de la aclaración de su esencia, muestra la íntima dependencia en que está con el tiempo” (Heidegger, 1954, p. 70).

devem demonstrar a necessária ligação, mediada pela síntese da imaginação, entre as categorias do Entendimento e as formas puras da intuição finita.¹⁷

Primeira via da Dedução Transcendental

Antes mesmo de iniciar a análise da Dedução Transcendental, Heidegger deixa claro que a sua interpretação tomará o viés da finitude. O filósofo afirma que “sem a constante consideração sobre a finitude [...], todas as frases da Dedução Transcendental serão incompreensíveis”¹⁸ (Heidegger, 1954, p. 71). Assim, a primeira via, partindo da espontaneidade do Entendimento, pretende mostrar que o mesmo encontra-se dependente das condições finitas da intuição pura.

A primeira via deve mostrar que o entendimento puro está destinado necessariamente à intuição pura, a fim de que a unidade intermediária entre ambos, a síntese pura, estabeleça-se como mediadora. Isto requer que o entendimento puro, como ponto de partida da primeira via, possa ser esclarecido até provar sua dependência à síntese pura e, por conseguinte, à intuição pura [...]¹⁹ (Heidegger, 1954, p. 71).

Conforme a essência da faculdade espontânea, todo ato consciente inerente às representações do sujeito, só é possível graças à consciência pura de si mesmo. A consciência ‘eu penso’ deve acompanhar todas as minhas representações, como condição imprescindível para a representação da unidade. Esta consciência pura, imutável e originária, que deve

¹⁷ Heidegger defende que, “lo importante no es que nos imaginemos a las dos facultades unidas y conectadas entre sí como formando una línea, sino aclarar la estructura de su unidad esencial, y lo decisivo será saber dónde puede formarse su conexión. Por ambas vías es forzoso atravesar este punto central de unión y por ende ponerlo al descubierto como tal. Ascendiendo y descendiendo entre los dos extremos se revela la síntese pura.” (Heidegger, 1954, p. 71).

¹⁸ “sin la mirada previa y constante sobre la finitud [...], todas las frases de la Deducción trascendental serán ininteligibles” (Heidegger, 1954, p. 71).

¹⁹ “primera vía debe revelarse el hecho de que el entendimiento puro está destinado necesariamente a la intuición pura, a fin de que la unidad intermediaria entre ambos, la síntesis pura, se patentice como mediadora. Esto requiere que el entendimiento puro, como punto de partida de la primera vía, queda aclarado hasta tal grado que su dependencia de una síntesis pura e, por consiguiente, de la intuición pura [...].” (Heidegger, 1954, p. 71).

THAUMAZEIN: REVISTA ON-LINE DE FILOSOFIA - ISSN: 1982-2103

acompanhar todas as representações possíveis, denomina-se apercepção transcendental. Neste sentido, “o entendimento puro, ao propor originariamente a unidade, atua como apercepção transcendental.”²⁰ (Heidegger, 1954, p. 72).

De acordo com o princípio supracitado, a própria análise do Entendimento evidenciaria a sua essência finita. Encetado neste postulado, Heidegger questiona qual é o objeto representado na unidade proposta pela apercepção transcendental. Ou seja, em que sentido deve-se compreender a unidade proposta pelo simples Entendimento puro?²¹

A resposta a esta pergunta corrobora a interpretação heideggeriana, pois a análise da apercepção transcendental comprova que a unidade da representação depende necessariamente da intuição finita. A representação ‘eu penso’, mesmo sendo um ato transcendental, é sempre uma representação de algo e, como tal, dependente dos dados da intuição sensível. A essência finita do Entendimento, a qual não permite uma intuição intelectual, limita o mesmo aos dados da intuição sensível, a única humanamente possível.

Este pensamento puro é finito e como tal não pode de nenhuma maneira, levar a cabo, por si mesmo, o ente por meio de sua representação e muito menos, [...] a totalidade do ente em sua unidade. [...] Por isso, Kant, depois de ter explicado a apercepção transcendental, afirma que a unidade representada por esta, pressupõe uma síntese.²² (Heidegger, 1954, p. 72).

Em virtude da finitude do Entendimento humano que, por sua limitação, nada intui; a unidade representada pela apercepção transcendental deve, portanto, conter uma síntese. Isso quer dizer que, para toda e qualquer representação unificada, deve-se pressupor a síntese produzida pela imaginação conforme as condições finitas da receptividade sensível. Este

²⁰ “El entendimiento puro, al pro-ponerse originariamente la unidad, actúa como apercepción transcendental.” (Heidegger, 1954, p. 72).

²¹ Cf. Heidegger, 1954, p. 72.

²² “este pensamiento puro es finito y como tal no puede, de ninguna manera, enfrentarse, por sí mismo, al ente por medio de su representar y mucho menos [...] a la totalidad del ente en su unidad. [...] Por ello Kant, después de haber explicado la apercepción transcendental, dice acerca de la unidad representada por éste que presupone una síntese o la encierra” (Heidegger, 1954, p. 72).

THAUMAZEIN: REVISTA ON-LINE DE FILOSOFIA - ISSN: 1982-2103

argumento avaliza Heidegger concluir que a apercepção transcendental está, necessariamente, relacionada à síntese pura da imaginação e assim, igualmente, dependente da intuição finita.²³

O fundamento do conhecimento humano, expresso na síntese finita, é, essencialmente, receptividade temporal. Heidegger defende que a “intuição universal pura, receptiva e produtiva *a priori*, é o tempo. Por conseguinte, a imaginação pura tem que referir-se essencialmente a esta, posto que só assim ela manifesta-se como mediadora entre a apercepção transcendental e o tempo.”²⁴ (Heidegger, 1954, p. 74). A função mediadora da síntese pura da imaginação apenas pode ser entendida, como fundamento da existência fenomênica, quando relacionada à finitude temporal.

A primeira via da Dedução Transcendental completa-se, portanto, à medida que a análise do Entendimento puro manifesta sua dependência à intuição finita. Somente deste modo a unidade da representação, que sempre necessita representar algo, pode ser sintetizada de acordo com a apercepção transcendental. Nesta interpretação, a síntese da imaginação acontece no espaço finito da temporalidade, uma vez que a essência do conhecimento encontra-se na própria finitude temporal.

Heidegger encontra abrigo para sua interpretação, fundamentalmente temporal, na primeira edição da *Crítica da Razão Pura*. Este texto contempla várias citações que confirmam a centralidade do tempo na construção do conhecimento humanamente possível. Numa delas Kant afirma que: “todos os nossos conhecimentos estão, em última análise, submetidos à condição formal do sentido interno, a saber, ao tempo, no qual devem ser conjuntamente ordenados, ligados e postos em relação.” (Kant, 1985, p. 135-136).

Tudo isso permite que Heidegger termine a primeira via da Dedução Transcendental das categorias com a seguinte conclusão: “Toda a análise concentra-se, em evidenciar a relação essencial entre o Entendimento puro e a síntese pura da imaginação. Por esta relação,

²³ Cf: Heidegger, 1954, p. 73.

²⁴ “La intuición universal pura, receptiva y productiva *a priori*, es el tiempo. Por consiguiente, la imaginación pura tiene que referirse esencialmente a esta, puesto que sólo así se manifiesta como mediadora entre la apercepción trascendental y el tiempo.” (Heidegger, 1954, p. 74).

manifesta-se claramente a sua natureza mais íntima, a saber, a finitude.”²⁵ (Heidegger, 1954, p. 74).

Segunda via da Dedução Transcendental

Como supracitado, o proceder da segunda via da Dedução Transcendental pretende mostrar a conexão entre Entendimento e intuições sensíveis²⁶ partindo do empírico²⁷. Nesta demonstração “deve ficar claro que a intuição pura está necessariamente destinada ao entendimento puro, isto é, a unidade intermediária entre ambas, a síntese, deve aparecer como mediadora”²⁸ (Heidegger, 1954, p.74). Neste sentido, a dedução alavanca-se na finitude intuitiva, porém o fundamento permanece centrado na síntese da imaginação.

Nesta perspectiva, o primeiro passo consiste em provar que a receptividade finita da Sensibilidade humana, dada sua natureza, não contém nenhuma ligação prévia.²⁹ Em outras palavras, o conteúdo da receptividade finita é essencialmente diverso, pelo que toda unidade possível depende inevitavelmente da síntese pura. Partindo da diversidade intuída, Heidegger salienta que:

Para que a diversidade intuída possa ser sintetizada, deve-se previamente compreender a síntese em geral. Mas, representar algo previamente sintetizado significa, primeiramente, formar relações em geral. Esta

²⁵ “todo el análisis se concentra más bien en poner de manifiesto la relación esencial entre el entendimiento puro y la síntesis pura de la imaginación. Pues por medio de esta relación se manifiesta con la mayor claridad su naturaleza más íntima, la finitud” (Heidegger, 1954, p. 74).

²⁶ De acordo com a análise de Berciano, expressa no artigo: *Finitud y Tiempo en Kant y en Heidegger*, “Heidegger parte también aquí de las dos fuentes del conocimiento: sensibilidad y entendimiento, y pregunta cómo se llega a una unidad en el conocimiento a partir de la multiplicidad de los dados. Esta multiplicidad tiene el carácter del uno después de otro (*nacheinander*) y por lo tanto del tiempo. Y entonces la pregunta es: ¿qué es lo que hace posible el carácter de unión de lo múltiple puro, esto es, del tiempo? Ésta sería la pregunta central que Kant ya no se plantea, pero que yace en su planteamiento” (Berciano, 2005, p. 824).

²⁷ Cf. Heidegger, 1954, p. 74.

²⁸ “Debe hacerse patente que la intuición pura está destinada necesariamente al entendimiento puro, es decir, la unidad intermediaria entre ambos, la síntesis, debe aparecer como mediadora.” (Heidegger, 1954, p. 74).

²⁹ Cf. Heidegger, 1954, p. 74.

THAUMAZEIN: REVISTA ON-LINE DE FILOSOFIA - ISSN: 1982-2103

faculdade que permite formar relações é a imaginação pura³⁰ (Heidegger, 1954, p. 75).

Dentro do horizonte finito, a possibilidade de representar um objeto determinado e unificado fundamenta-se na síntese pura da imaginação. Esta, por sua vez, sendo uma função mediadora, vincula-se, necessariamente, à receptividade temporal e, igualmente, à espontaneidade do Entendimento. Ao articular esta vinculação, a síntese pura da imaginação evidencia a essência da Dedução Transcendental enquanto condição de possibilidade de toda realidade fenomênica, a saber, a finitude temporal do Entendimento humano.

Segundo Heidegger, a síntese da imaginação destaca-se na Analítica Transcendental kantiana na medida em que sua ação produz a mediação ente intuição pura e Entendimento puro. Por esta razão, ela é condição de possibilidade para a unidade sintética do conhecimento, pois, em sua ação mediadora, não apenas manifesta a finitude do Entendimento humano, senão que, no mesmo ato, possibilita toda realidade existente.

A tríade formada pela intuição pura, imaginação pura e apercepção pura não significa tão-somente uma justaposição de faculdades. A Dedução Transcendental estabeleceu, ao revelar a função mediadora da síntese pura, a possibilidade interna da unidade essencial do conhecimento puro. Esta síntese constitui a objetividade de toda representação... e, deste modo, revelou um horizonte de objetividade. Devido ao conhecimento puro estar de acordo com as formas da intuição finita, e, assim, formar *a priori* as condições de possibilidade da existência do ser ou não-ser³¹ (Heidegger, 1954, p. 76).

³⁰ “Para que lo por venir pueda encontrarse con algo enlazado, debe comprenderse previamente el ‘enlace’ en general. Pero representar un enlace previamente significa, en primer término, formar representando algo así como una relación en general. Esta facultad que primeramente ‘forma’ relaciones es la imaginación pura.” (Heidegger, 1954, p. 75).

³¹ “la tríade de intuición pura, imaginación pura e apercepción pura no significa ya una mera yuxtaposición de facultades. La deducción trascendental ha establecido, al revelar la función mediatizante de la síntesis pura, la posibilidad interna de la objetivación de... y, como tal, hace primeramente patente algo así como un horizonte de objetividad. Y debido a que el conocimiento puro abre de este modo, a favor del ser finito, el espacio de juego necesario, en el cual tiene lugar toda relación del ser o del no-ser,” (Heidegger, 1954, p. 76).

Portanto, a síntese da imaginação desbancou a primazia do Entendimento e, assim, revelou sua essência finita que, por sua vez, encontra-se necessariamente dependente da síntese pura e sua relação com a intuição temporal.³² A inevitável condição sintética do conhecimento humano permanece inalterada na interpretação de Heidegger. Todavia, a faculdade determinante de todo e qualquer ato sintético, a despeito da espontaneidade do Entendimento, é a imaginação. Esta, por sua vez, condiciona a totalidade absoluta do conhecimento humano dentro dos limites da finitude da intuição sensível.

A finitude do Entendimento humano

A interpretação heideggeriana, da Dedução Transcendental, destacou a essência finita do Entendimento humano, pelo que todo e qualquer conceito puro deve vincular-se, mediante síntese pura da imaginação, à receptividade da intuição espaço-temporal. A finitude do Entendimento condiciona o âmbito de validade dos conceitos puros às condições temporais.³³ Esta posição é corroborada na obra *Sobre a essência da verdade a tese de Kant sobre o ser*. Nela o filósofo contemporâneo escreve:

A par com o desenvolvimento crítico da essência do entendimento caminha a limitação de seu uso, limitação que o restringe à determinação daquilo que é dado através da intuição sensível e das puras formas. De maneira inversa, a restrição do uso do entendimento à experiência abre, ao meso tempo, o caminho para uma determinação mais originária da essência do próprio entendimento (Heidegger, 1970, p. 75).

Contudo, a comprovação da finitude temporal do conhecimento foi uma conclusão extraída da inevitável limitação do Entendimento humano. No desenrolar da *Crítica da Razão*

³² Cf. Heidegger, 1954, p. 76.

³³ Cf. Heidegger, 1954, p. 78.

THAUMAZEIN: REVISTA ON-LINE DE FILOSOFIA - ISSN: 1982-2103

Pura, sobretudo, na Analítica Transcendental, manifestou-se a forçosa condição do Entendimento humano, a saber, sua essencial condição temporal.

Heidegger reconhece que a intenção de Kant na *Crítica da Razão Pura* é fundamentar a metafísica como ciência rigorosa, sendo que para levar a cabo tal empreitada se faz necessário analisar as condições, limites e possibilidades do conhecimento humano. Todavia, a crítica empreendida por Kant, acerca dos predicados transcendentais, revelou a essencial condição finita do Entendimento humano, de tal forma que todo e qualquer conhecimento possível, deve orientar-se pelo pressuposto fundamental da temporalidade do sujeito.

Em outros termos, “o ponto de partida para a fundamentação da metafísica é a razão pura humana e no centro da problemática da fundamentação está, como fator essencial, precisamente o caráter humano da razão, a saber, o seu caráter finito.”³⁴ (Heidegger, 1954, p. 26). Para Heidegger, “o conhecimento finito é intuição receptiva”³⁵ (Heidegger, 1954, p. 33), sobretudo temporal, o que lhe permite concluir “que a intuição constitui a própria essência do conhecimento”³⁶ (Heidegger, 1954, p. 28), pois ela abaliza a âmbito da aplicabilidade das categorias puras e *a priori* do Entendimento dentro dos limites espaço-temporais.

Para Berciano, corroborando a tese aqui defendida, a interpretação heideggeriana da filosofia crítica, mostrou a importância da intuição temporal dentro da teoria transcendental kantiana. Opondo-se à concepção dos neokantianos³⁷, Heidegger acenou para o fato de que o

³⁴ “El origen fundamental de la fundamentación de la Metafísica es la razón pura humana, y en el centro de la problemática de la fundamentación está, como lo más esencial, precisamente el carácter humano de la razón, es decir, su carácter finito.” (Heidegger, 1954, p. 26).

³⁵ “el conocimiento finito es intuición receptiva” (Heidegger, 1954, p. 33).

³⁶ “que la intuición constituye la esencia propia del conocimiento” (Heidegger, 1954, p. 28).

³⁷ Segundo Berciano, “Heidegger se opone ya aquí a la interpretación de Kant que hacen los neokantianos. Éstos, según Heidegger, centran su consideración en el conocimiento desde la perspectiva de las ciencias matemáticas y naturales. Además, consideraban lo *a priori* como subjetivo y pensaban poder deducirlo todo de la apercepción transcendental. Y por otra parte, separaban demasiado la sensibilidad y el entendimiento. Heidegger cree, por el contrario, que no se debe considerar la apercepción fuera del tiempo, como hacía también Kant, sino que la apercepción es una determinación del tiempo. Y por lo que se refiere a la relación entre sensibilidad y entendimiento, cree Heidegger que los neokantianos no atienden suficientemente al hecho de que en todo conocimiento finito es imprescindible la intuición.” (Berciano, 2005, p. 822).

THAUMAZEIN: REVISTA ON-LINE DE FILOSOFIA - ISSN: 1982-2103

Entendimento humano, subordinado à crítica kantiana, apresenta-se inevitavelmente limitado à temporalidade.³⁸

Considerando o tempo uma condição de possibilidade para a existência fenomênica, o filósofo contemporâneo, ao interpretar a teoria crítica kantiana, centralizou o conhecimento possível na finitude espaço-temporal. O tempo permite que o sujeito pensante encontre-se com algo, uma multiplicidade de dados que, por vezes, condicionam o âmbito de possibilidades do conhecimento humano.³⁹

Na interpretação heideggeriana, o Entendimento não perde sua função *a priori* e pura, pois ele permanece sendo a fonte de todas as regras e princípios. Porém, a despeito da espontaneidade das categorias, as regras universais prescritas pelo Entendimento, apenas possibilitam o conhecimento quando aplicadas aos dados diversos da receptividade sensível. Consequentemente, na síntese que condiciona e possibilita todos os objetos fenomênicos, a intuição espaço-temporal torna-se, assim, decisiva, pois a mesma manifesta a condição essencial do sujeito transcendental finito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERCIANO, Modesto. Finitud y tiempo em Kant y em Heidegger. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga: RPF, v.61, n.3-4, p. 819-839, 2005.

CAYGILL, Howard. *Dicionário Kant*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. (Dicionários de filósofos).

HEIDEGGER, Martin. *Kant y el problema de la Metafísica*. Tradução de Gred Ibscher Roth. México: Fondo de Cultura Económica, 1954.

³⁸ Cf. Berciano, 2005, p. 821.

³⁹ Cf. Berciano, 2005, p. 825.

THAUMAZEIN: REVISTA ON-LINE DE FILOSOFIA - ISSN: 1982-2103

_____. *Sobre a essência da verdade a tese de Kant sobre o ser*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Livraria duas cidades, 1970.

HÖFFE, Otfried. *Immanuel Kant*. Barcelona: Herder, 1986.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão pura*. Tradução Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Editora Fundação Caloute Gulbenkian, 1985.

_____. *Lógica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.